

Conversão já investiu

Quinta-feira, 15 de setembro de 1988

CZ\$ 96 bi em ações

SÃO PAULO — Durante os oito primeiros meses deste ano, as empresas que fazem parte do mercado de ações receberam mais de US\$ 300 milhões (CZ\$ 96 bilhões) através de operações de conversão de dívida externa em capital de risco, revelou o Presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Arnaldo Wald. Embora os fundos de conversão só tenham convertido, em leilão, a cifra de US\$ 10 milhões, as conversões beneficiaram carteiras de investimentos, como a do Banco Montreal, que converteu recentemente US\$ 70 milhões ou a Equitypar Companhia de Participações, que recebeu autorização do Banco Central para ingressar recursos da ordem de US\$ 85 milhões. O Presidente da CVM lembrou ainda a operação de conversão envolvendo os créditos originais do Manufacturers Hanover Bank, o quarto maior banco credor americano do Brasil, com a Companhia Suzano de Papéis, representando US\$ 90 milhões.

O Presidente do Banco Central, Elmo Camões, afirmou, por seu turno, que o Brasil já reduziu sua dívida externa em cerca de US\$ 6,5 bilhões nos últimos oito meses. Desse total, explicou Camões, US\$ 1,07 bilhão foram por meio dos seis leilões de conversão realizados a partir de 29 de março passado. A conversão líquida até agora foi de US\$ 870,5 milhões,



Arnaldo Wald, Presidente da CVM

com média mensal de US\$ 174,1 milhões. É importante observar, salientou o Presidente do BC, que no período de 1981 a 1987, a média mensal do valor de conversões foi de apenas US\$ 28,9 milhões, o que comprova que a nova legislação, aprovada em fevereiro deste ano e regulamentada pela Resolução 1.460, é um sucesso.

O Presidente da CVM afirmou que, além dos recursos convertidos via leilão o País se beneficiou das operações realizadas com base na antiga Resolução 1.125, no total de US\$ 800 milhões, e mais US\$ 400 milhões através de conversões feitas com di-

vidas vincendas depositadas no BC.

O balanço dessas operações, acrescentou Wald, constata que quem mais se beneficiou do processo de conversão de dívida externa foi a indústria de transformação, que nos seis leilões já realizados recebeu 66,3% do total dos recursos. O destaque ficou para o setor eletroeletrônico (17,1%), ficando em segundo lugar a indústria de papel e celulose (11%) e em terceiro os setores químico e petroquímico (9,4%). Outro setor que recebeu significativo volume de investimentos foi o de serviços (20%), situando-se numa posição privilegiada a indústria de turismo, com 8%.

Entre os países cujos investidores fizeram conversão estão, em primeiro lugar, Estados Unidos (38%), Japão (16%), França (10%) e em quarto a Grã Bretanha, com 6,6%. Há valores pouco relevantes como os da Alemanha Ocidental (1%) e da Itália (0,3%), indicando que o conceito de conversão está sendo aceito gradativamente nos diversos países.

Quanto às regiões favorecidas, o primeiro lugar cabe a São Paulo (41%), o segundo à Bahia (22%) e em terceiro a Amazônia, com 15%.

— Se no passado a conversão foi polêmica e, durante algum tempo, ensejou resistências burocráticas e políticas, agora, suas virtudes básicas são reconhecidas pelo mercado e pela opinião pública — disse Wald.